

Big Bang, o começo de tudo

A tela inteira é ocupada por um globo elástico que pulsa, expandindo-se e retraindo-se diante da câmera que permanece o tempo todo parada. Azul com estrelas brancas espalhadas por toda sua superfície, essa esfera, ao diminuir de tamanho, deixa entrever alguém que a manipula. A artista aparece de soslaio, pode ser entrevista, mas sua presença é mais inferida do que propriamente anunciada. Uma espécie de artista-demiurgo que, com seu sopro, movimenta o firmamento.

É impressionante como com (apenas) um título preciso, uma bexiga na boca e uma câmera na mão, ou melhor, no tripé, Lia Chaia consegue estabelecer uma ligação com inúmeros mitos que contam a criação do Universo. A cadência de sua respiração controlada, enfatizada pelo áudio, corresponde a pulsão do firmamento. O globo não é o terrestre, mas a abóbada celeste, o que nos situa - nós, espectadores - na Terra, ou em algum ponto fixo a partir do qual podemos observar o movimento do céu.

Essa forma de produzir - sintética, focada, enxuta -, usando seu próprio corpo e poucos elementos com os quais ele interage em uma ação que se desenrola em tempo real no vídeo, tornou-se uma característica da artista. Como se Lia optasse por dirigir a atenção de todos para um movimento específico, que precisa ser visto durante um tempo, para impregnar nosso pensamento. Uma imagem que se espicha, indicando a necessidade de nos fincarmos numa outra velocidade. Seus vídeos, em geral, têm poucos cortes, o que nos faz pensar neles também como performances registradas, gestos cuidados, ensaiados, exigentes, muito embora cotidianos: respirar, comer, balançar o corpo, rolar de um lado para o outro, cumprimentar com as mãos. Há um certo ar ritualístico impregnado nesse fazer. No caso de *Big Bang*, a respiração é profunda, constante e duradoura. Marca a presença do corpo da artista que, de 2000 pra cá, tornou-se constante em seus trabalhos. Sua boca, por exemplo, depois de soprar estrelas, já engoliu paisagens e vomitou prédios.

A mesma abóbada celeste invadiu a paisagem urbana de Paris, quando Lia revestiu a ponta arredondada de pequenos pilares das calçadas da cidade com a mesma bexiga estrelada, mas agora em cores sortidas, que usou em *Big Bang*. A ação criou, no interior cinzento daquela paisagem, pequenos focos de cor flutuantes. A esfera redonda sempre retorna ao trabalho de Lia. Às vezes como o planeta Terra sendo devorado por um esqueleto, numa imagem escrachada de ruína, destruição e morte, às vezes literalmente como vida que cresce em seu corpo, quando ela faz um vídeo em que aparece grávida, ou mesmo como o Aleph, o ponto que contém em si todo o Universo. Lia o materializa com uma esfera de vidro que reflete, em seu interior, a paisagem que a circunda. Criação, destruição, o espaço que contém outros, que se multiplica, em movimento e transformação. Todos esses significados, de certa forma, já estão na esfera do *Big Bang*.

Por fim, há algo que se mantém sempre jovem na produção da Lia: o quanto ela aciona a dimensão do brincar. Porque o artista demiurgo, esse que cria - e pode destruir - universos, é também um *clown*, um palhaço, que enche e esvazia uma bexiga. Nos trabalhos de Lia os objetos existem para além de sua função prevista, objetiva, programada. O mundo aparece como experiência aberta, ao mesmo tempo divertida e insubordinada. Há um certo apelo, me parece, para que a arte mantenha viva sua perspectiva lúdica que não pode ser confinada ao que convenciamos chamar de infância.

Like a Virgin: o Primeiro Vídeo a Gente Nunca Esquece é o programa que inaugura a Sala de Projetos Especiais da nova sede do Ateliê397. A proposta é mostrar as primeiras obras em vídeo de artistas e coletivos com dez ou mais anos de carreira. E, assim, investigar o início de uma recorrência ou de um desvio nessas trajetórias. Gestos iniciais são muito importantes para o Ateliê397, que se interessa pela experimentação e pela radicalidade nas artes. O primeiro vídeo é formativo para o artista, para o público e para a crítica. Talvez outros o ignorem, mas, aqui, *o primeiro vídeo a gente nunca esquece*.

Ateliê397

Gestão: Bruna Fernanda, Érica Burini, Jeane Gonçalves, Tania Rivitti, Thais Rivitti

Produção executiva: Jeane Gonçalves

Design: Thiá Sguoti

Like a Virgin: o Primeiro Vídeo a Gente Nunca Esquece

Artista: Lia Chaia

Curadoria: Thais Rivitti

Realização:

Apoio:



Ateliê397

aliseu